

# SHIRLEY JACKSON



## O RELÓGIO DE SOL



cavalo de ferro

*Para Bernice Baumgarten*

Depois do funeral, voltaram para a casa, que agora era indiscutivelmente de Mrs. Halloran. Apreensivos, sem saber o que fazer, pararam no espaçoso e lindíssimo *hall*, e viram Mrs. Halloran seguir para a ala direita, para ir informar Mr. Halloran de que o funeral de Lionel decorrera sem exageros melodramáticos. A jovem Mrs. Halloran ficou a ver a sogra afastar-se.

– Pode ser que ela caia morta um dia destes – murmurou, sem grande esperança na voz. – Gostavas de ver a avó cair morta, Fancy?

– Sim, mãe – respondeu a pequena, agarrando a saia comprida do vestido preto que a avó escolhera para ela. Na opinião da jovem Mrs. Halloran, o preto não se adequava a uma menina de dez anos, já para não dizer que o vestido era demasiado comprido, e que o corte excessivamente simples e o tecido demasiado grosso desmereciam o prestígio dos Hallorans. Sublinhara tudo isto tendo uma crise asmática logo de manhã cedo, mas a filha acabara mesmo por usar aquele vestido. A longa saia preta mantivera-a entretida durante o funeral e no carro, e não fosse a presença da avó, teria sido um dia perfeito.

– Vou rezar por isso enquanto viver – prometeu a jovem Mrs. Halloran, juntando as mãos com fervor.

– E se eu a empurrasse? – sugeriu Fancy. – Como ela fez com o papá?

– Fancy! – exclamou Miss Ogilvie.

– Deixe-a dizer o que ela quiser – interveio a jovem Mrs. Halloran. – Até porque eu quero que ela se lembre do que aconteceu. Repete o que disseste, meu amor.

– A avó matou o papá – repetiu Fancy, muito obediente. – Empurrou-o pela escada abaixo e matou-o. Foi a avó, não foi?

Miss Ogilvie levantou os olhos para o céu, mas, ao falar, baixou a voz, porque a ocasião era triste e convinha mostrar respeito.

– Maryjane – disse –, está a corromper a mente desta criança e, possivelmente, a sabotar-lhe qualquer possibilidade de herdar...

– *Importa-se?! – interrompeu Mrs. Halloran. A sua cara miudinha assumiu um ar de dignidade ofendida. – Quero que todos nesta casa saibam o que aconteceu e que jamais se esqueçam. Se hoje a Fancy é órfã do pai é porque aquela velha odiosa não suportava a ideia de a casa ser de outra pessoa que não ela, e eu era a esposa, a companheira muito amada. – Levou as mãos ao peito e a respiração saiu-lhe entrecortada. – Ela empurrou-o pela escada abaixo.*

– *O rei, o fantasma do teu pai assassinado – declamou Essex, falando para a pequena. Deixou escapar um bocejo e foi estender-se no banco forrado a veludo. – E a comida? Espero que a velha não nos vá matar à fome só porque ficou com tudo.*

– É intolerável! – indignou-se a jovem Mrs. Halloran. – O Lionel ainda mal desceu à terra e você pensa em comida! Fancy! –, e estendeu a mão para a filha. Sem grande vontade, a pequena avançou, fazendo a longa saia preta ondular, e a jovem Mrs. Halloran voltou-se para a escadaria. – O meu lugar é com a minha filha órfã do pai – declarou, falando por cima do ombro. – Alguém peça para nos levarem o jantar lá acima. Aliás, creio que vou ter a segunda crise asmática.

QUANDO VIVEREMOS, SENÃO AGORA?, lia-se, em letras góticas pretas com pormenores dourados, por cima da janela em arco

no patamar da escadaria. A jovem Mrs. Halloran parou diante da janela e, voltando-se, viu Fancy enredada na saia e com dificuldade em subir.

– O meu desgosto será eterno – murmurou a jovem Mrs. Halloran, pousando a mão no peito, a outra mal tocando o corrimão largo e lustroso. – *Despacha-te*, Fancy. – Lado a lado, com a jovem Mrs. Halloran vagamente apoiada no ombro da filha, continuaram pelo corredor até desaparecer de vista, rumo à vastidão do primeiro andar da ala esquerda da casa, que, até muito recentemente, tinham partilhado com Lionel.

Seguindo-as com o olhar, Essex fez uma cara desagradada.

– E eu que podia jurar que o Lionel não teve pena nenhuma de morrer – resmoneou.

– Não seja reles – disse-lhe Miss Ogilvie. – Só estamos aqui nós, é verdade, mas recorde que somos empregados; não pertencemos à família.

– Eu também estou aqui, se não se importam – manifestou-se a tia Fanny, falando do canto mais escuro do *hall*. – Nem deram pela minha presença, claro, mas, por favor, não se inibam por *minha* causa. Pertenço à família, é certo, mas que isso não...

Essex tornou a bocejar.

– Tenho fome – queixou-se.

– Será que vão servir jantar? É o meu primeiro funeral desde que trabalho aqui – explicou Miss Ogilvie –, e não sei como ela faz. Quero acreditar que vamos fazer a refeição normalmente.

– Imagino que não fará diferença a ninguém se a tia Fanny ficar na segurança do seu quarto – considerou a tia Fanny. Olhou para Essex. – Diz à esposa do meu irmão que me virei sentar com ela depois do jantar, para fazermos um pouco de luto.

– Também é o meu primeiro funeral – comentou Essex. Levantou-se com indolência e tornou a espreguiçar-se. – Estas coisas dão sono. Será que a velha fechou o *gin* à chave, por ser o dia que é?

– Deve haver garrafas na cozinha – respondeu Miss Ogilvie. – Para mim, fraquinho, obrigada.

– Acabou – disse Mrs. Halloran. Parou atrás da cadeira de rodas e contemplou a nuca do marido. Por fim, não tinha de esconder o tédio. Antes de Mr. Halloran se mudar de vez para a cadeira de rodas, não era raro ela ter dificuldade em impedir que a expressão a traísse, ou que as mãos se encolhessem involuntariamente, mas, agora que ele estava assim e não era capaz de se voltar sem aviso, Mrs. Halloran primava pela correcção, tendo o cuidado de ficar sempre parada atrás dele e de lhe falar com delicadeza. – Ele partiu, Richard – acrescentou. – E correu tudo lindamente.

Mr. Halloran estivera a chorar, mas tão-pouco isso era novidade: depois que finalmente compreendera que não lhe seria dada a oportunidade de viver pela segunda vez a juventude, aproveitava qualquer pretexto para chorar.

– O meu único filho – murmurou.

– Sim. – Mrs. Halloran refreou-se de tamborilar nas costas da cadeira de rodas; era deselegante mostrar impaciência na presença de um inválido. Perante um velho confinado a uma cadeira de rodas, é feio mostrar que não nos apetece estar ali. Suspirou silenciosamente. – Sê corajoso – optou por dizer.

– Lembras-te de quando ele nasceu? – perguntou Mr. Halloran, a voz a tremer-lhe. – Mandámos tocar os sinos da cocheira.

– Pois foi – confirmou Mrs. Halloran, cordial. – Queres que os mande tocar?

– Talvez não – respondeu Mr. Halloran. – É melhor não. Podia parecer mal na vila. Não podemos deixar que as memórias e o sentimento nos tragam má reputação. É melhor não. Seja como for – acrescentou –, onde agora está, o Lionel não ouviria os sinos.

– Agora que ele partiu – atalhou Mrs. Halloran –, vou ter de arranjar alguém para tomar conta da propriedade.

– Até porque o Lionel se revelou um fracasso. Houve um tempo em que, do meu terraço, se viam perfeitamente as roseiras, e agora só vejo sebes. Quero que as cortem. Já.

– Não te exaltes, Richard. Sempre foste um bom pai e eu vou mandar aparar as sebes.

Mr. Halloran remexeu-se; tornou a ficar com os olhos cheios de lágrimas.

– Lembras-te de eu querer que guardássemos os caracóis dele? – perguntou.

Fixando um vago sorriso melancólico no rosto, Mrs. Halloran contornou a cadeira de rodas para encarar o marido.

– Querido Richard, não te faz bem estares nisso – advertiu. – Estou segura de que não havia ninguém no mundo inteiro de quem o Lionel gostasse mais do que de ti.

– Isso não pode ser – considerou Mr. Halloran. – O Lionel é casado e tem uma filha; sendo o pai dele, devo passar para segundo plano. Tens de falar com o nosso rapaz, Orianna. Diz-lhe que não lhe admito uma coisa dessas. Antes de mais, ele tem um dever para com a esposa, que é uma boa mulher, e para com a filha, que é uma jóia de criança. Aliás, o único dever dele é para com elas duas. Diz ao Lionel... – Calou-se; parecia ter perdido o fio à meada. – Foi o Lionel que *morreu*? – perguntou, passado um minuto.

Mrs. Halloran foi pôr-se outra vez atrás da cadeira de rodas e, saturada, permitiu-se fechar os olhos. Depois, fez o esforço de erguer a mão, pousou-a suavemente no ombro do marido e disse:

– O funeral correu muito bem.

– Lembras-te de quando ele nasceu? – perguntou o velho. – Mandámos tocar os sinos da cocheira.

Pousando o copo de vinho muito devagar, Mrs. Halloran olhou para Essex, depois para Miss Ogilvie.

– A tia Fanny vai descer para a sobremesa?

– Seria a cereja jubilante no topo de um dia de perfeita felicidade – escarneceu Essex.

Mrs. Halloran fitou-o demoradamente.

– Se o Lionel estivesse aqui – acabou por responder –, o teu comentário fá-lo-ia recordar-te que não estás aqui para ser irónico, mas sim para pintar murais na sala do pequeno-almoço.

– Orianna, minha *querida* – replicou ele, rindo com cinismo –, não a imaginava capaz de semelhante confusão: quem pintava murais na sala do pequeno-almoço era o homem novo que teve cá *antes* de mim; *eu* sou o homem novo que supostamente contratou para lhe catalogar a biblioteca.

– O Lionel não daria pela diferença – interveio Miss Ogilvie, corando de seguida.

– Mas teria desconfiado – replicou Mrs. Halloran, cordial. Depois: – A tia Fanny está à porta; consigo ouvir-lhe a tosse. Vai abrir, Essex; não a estou a imaginar a rodar a maçaneta.

Essex abriu a porta com um salamaleque.

– Boa noite, tia Fanny – saudou. – Que tal lhe está a correr este dia triste?

– Escusam de se preocupar comigo, obrigada. Boa noite, Orianna e Miss Ogilvie. Deixem-se estar, por favor; já sabem que a tia Fanny não gosta que se incomodem por causa dela. Orianna, não me faz diferença ficar de pé.

– Essex, traz um cadeirão para a tia Fanny – ordenou Mrs. Halloran.

– Duvido que o rapaz esteja com vontade de se incomodar, Orianna. Estou habituada a cuidar de mim, como supinho que já percebeste.

– Essex, serve um copo de vinho à tia Fanny.

– Não bebo na companhia da criadação, Orianna. O meu irmão Richard...

A imponente mansão da família Halloran ergue-se isolada no meio de uma extensa propriedade. No seu jardim encontra-se um relógio de sol de pedra branca com a premonitória inscrição *De que Vale Este Mundo?* Após a morte suspeita do filho de Orianna Halloran, a despótica matriarca, a peculiar tia Fanny recebe uma mensagem sobrenatural do seu falecido pai anunciando que o mundo será destruído numa noite de catástrofe nunca vista e que apenas os habitantes da mansão serão salvos. Convencidos de que o futuro da humanidade está nas suas mãos, toda a família, empregados e hóspedes preparam-se para o novo mundo que há-de vir num ambiente sufocante de intriga, medo, violência e crescente paranóia.

Nesta apocalíptica comédia de costumes e hilariante sátira social, Shirley Jackson, nome maior do gótico literário, cria, por meio de um terror subtil e psicológico, um mundo movido por tensões familiares, personagens grotescas e acontecimentos sobrenaturais onde o maior perigo não vem de fora mas de dentro.

«Um romance que deixará muitos leitores perplexos e suscitará debate sobre o seu significado. Mas é isso que se espera de um dos grandes escritores do nosso tempo.»

*The Los Angeles Times*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

 [cavalodeferro](#)

 [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-589-559-5



9 789895 895595